um total de 14 a 15 milhões, o que equivalerá ao resultado atingido no ano passado. Em contraposição à quebra estimada de 20% da produção de cana, a produtividade industrial do estado deverá registrar uma elevação de 5%, ficando em torno de 92 kg/tonelada. A Zona da Mata Setentrional foi a região mais atingida pela seca, podendo sofrer uma quebra em sua produção de cana de até 50%. As recentes chuvas, que atingiram o estado no mês de dezembro, favorecerão a próxima safra, pois coincidem com o desenvolvimento da chamada *"cana planta"*.

A lavoura canavieira de Alagoas, por seu turno, também se ressentirá das conseqüências da seca na região, embora de maneira mais atenuada. A região Sul do estado foi a mais castigada pela estiagem. A ausência de chuvas, principalmente na fase de plantio e desenvolvimento da socaria, com uma precipitação abaixo de 20% do normal, deve provocar uma redução da produtividade agrícola média de 55 toneladas para 50 toneladas/ha. Em compensação, as usinas estão trabalhando com uma cana mais madura e, portanto, com maior eficiência. Tal como o estado do Rio de Janeiro, Alagoas deverá, mais uma vez, antecipar o encerramento de sua safra, em virtude da escassez de matéria-prima que, nos últimos anos, tem apresentado um déficit médio de 7 milhões de toneladas de cana.

Com base nos dados disponíveis, no momento, é possível prever que o país conseguirá cumprir sua meta de produção para a safra atual. No entanto, ocorrerão mudanças na posição dos estados produtores, pois alguns deverão sofrer quebras significativas em sua produção, o que deverá ser compensado pela boa performance de outros.

CARNE

Baixa rentabilidade gera aumento de abate de matrizes

A principal característica do mercado de boi gordo é o aumento do abate de matrizes em resposta à queda prolongada da rentabilidade econômica da atividade criatória. Neste sentido, o ano de 1981, principalmente a partir do segundo semestre, tornou-se o embrião reversivo da tendência de crescimento do rebanho, iniciada em fins de 1978, que culminou com a maior oferta de bois terminados no ano passado, situação que deve perdurar ainda no ano de 1982.

Os dados preliminares sobre o abate de bovinos nos estados do Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo e Minas Gerais, relativos aos três primeiros trimestres de 1981, evidenciam um aumento de 3 pontos percentuais no abate de matrizes, em comparação com igual período de 1980 (ver Quadro 1). Dessa forma, o incremento no número de abates deveu-se quase exclusivamente ao aumento de matança de matrizes. A confrontação específica dos terceiros trimestres mostra que, em 1981, o abate de matrizes foi 9 pontos percentuais superior ao de igual período de 1980, ultrapassando o limite de 25%, considerado como a taxa normal de reposição de ventres férteis. Essa ultrapassagem, se consolidada, pode significar o início do declínio numérico do rebanho, pela redução de nascimentos já a partir do corrente ano.

A reação do pecuarista de aumentar o abate de matrizes tem caráter cíclico e ocorre toda vez que os preços da mercadoria atingem um patamar não remunerador dos custos do empreendimento. A coincidência de maior oferta de bois gordos com a fase recessiva da economia do país assinalou com características singulares o mercado de carne bovina em 1981. Se, por um lado, os pecuaristas reclamam com justeza a depreciação do produto, cuja cotação média real caiu 36,4% em 1981, em relação ao ano anterior, os frigoríficos também não tiveram um ano de boa rentabilidade. A dificuldade de repasse dos preços do boi gordo ao mercado retalhista, às voltas com uma redução da demanda, acarretou uma série de transtornos financeiros, culminando com a retirada temporária do mercado de vários frigoríficos de grande porte em São Paulo e em outros estados. É oportuno frisar que, muito provavelmente, a maior retração do consumidor em São Paulo deveu-se à incidência de forte desemprego no

estado. O consumidor final, por sua vez, não fosse a fase recessiva da economia, teria sido beneficiado, já que a cotação média da carne bovina foi de Cr$ 198,70/kg, representando um aumento de 66,57% sobre a cotação do ano anterior (ver Quadros 2 e 3). Muito embora essa variação tenha sido superior em 12,8% à verificada para o boi gordo, há que ser destacado que se situou, mesmo assim, em patamar muito abaixo da inflação anual (95,2%).

Releva evidenciar que os preços do boi gordo e da carne bovina nos su-

QUADRO 1

ESTADOS SELECIONADOS – Dados Preliminares sobre Abate de Bois e Vacas no Terceiro Trimestre e Acumulado até Setembro nos anos de 1980 e 1981

Estado	1980				1981			
	3º Trimestre		Acumulado até Setembro		3º Trimestre		Acumulado até Setembro	
	Vacas	Bois + Vacas	Vacas	Bois + Vacas	Vacas	Bois + Vacas	Vacas	Bois + Vacas
Rio Grande do Sul[1]	47.466 (31,47%)	150.818	283.848 (32,51%)	873.188	60.437 (35,19%)	171.723	306.323 (33,37%)	918.044
Paraná[2]	16.413 (11,13%)	147.504	58.263 (10,65%)	547.322	32.153 (18,44%)	174.350	89.174 (14,98%)	595.094
São Paulo[2]	50.381 (11,23%)	448.736	184.207 (10,82%)	1.703.203	82.179 (19,06%)	431.146	217.322 (12,79%)	1.698.740
Minas Gerais[1]	100.194 (33,27%)	303.333	479.429 (33,87%)	1.415.291	183.068 (41,67%)	439.735	601.142 (38,51%)	1.560.869
TOTAL	214.454 (20,42%)	1.050.391	1.005.747 (22,16%)	4.539.004	357.837 (29,40%)	1.216.954	1.213.961 (25,44%)	4.772.747

[1] Inclui abates não inspecionados.
[2] Somente abates inspecionados.
FONTE: CEPA (RS e MG), DERAL (PR) e Sindicato da Indústria do Frio (SP).

QUADRO 2

CIDADE DO RIO DE JANEIRO – Preços da Carne Bovina por Tipo de Corte nos Supermercados – 1980
(Cr$/kg)

Discriminação	1º/01/80	A partir de 29/02/80	A partir de 29/05/80	A partir de 11/07/80
Carne de primeira				
Contra-filé	122,00	140,00	161,00	183,00
Alcatra	111,50	135,00	151,50	173,00
Chã, patinho, lagarto plano	98,00	123,00	138,00	157,00
Lagarto redondo		127,00	142,00	162,00
Moída de primeira	98,00	123,00	138,00	157,00
Músculo de primeira	98,00	123,00	138,00	157,00
Carne de segunda				
Pá, acém			104,00	120,00
Peito	71,20		97,50	112,00
Moída de segunda	81,80	92,00	104,00	120,00
Músculo de segunda	87,00	87,00	97,50	112,00
Capa e aba de filé	74,30	87,00	97,50	112,00
Costela	49,60	65,00	74,50	86,00
Acém	78,00	92,00		
Pá	81,80	92,00		
Preço médio	87,60	107,17	120,29	137,58

FONTE: ASSERJ.

permercados tiveram comportamento divergente ao longo do ano de 1981. No primeiro semestre, quando a cotação do boi gordo manteve-se praticamente estável, o preço da carne bovina teve uma alta de 39,37%. Contrariamente, no segundo semestre, quando os preços do boi terminado experimentaram um aumento de 42,82%(*), a variação dos preços

(*) Cotação do boi gordo em Presidente Prudente (SP), segundo a DIRA regional.

QUADRO 3

CIDADE DO RIO DE JANEIRO — Preços da Carne Bovina por Tipo de Corte, em Supermercados — ano de 1981 e a partir de 05/01/82
(Cr$/kg)

Discriminação	1º/01/81	A partir de 12/01/81	A partir de 03/02/81	A partir de 29/06/81	A partir de 13/07/81	A partir de 17/08/81	A partir de 21/09/81	A partir de 05/01/82
Carne de 1ª.								
Contra-filé	183,00	210,00	253,00	262,00	280,00	297,00	300,00	310,00
Alcatra	173,00	198,00	239,00	247,00	264,00	280,00	288,00	300,00
Chã, patinho, lagarto plano	157,00	180,00	217,00	225,00	240,00	255,00	262,00	270,00
Lagarto redondo	162,00	186,00	224,00	232,00	248,00	263,00	270,00	280,00
Moída de primeira	157,00	180,00	217,00	225,00	240,00	255,00	262,00	270,00
Músculo de primeira	157,00	180,00	217,00	225,00	240,00	255,00	262,00	270,00
Carne de 2ª.								
Pá, acém	120,00	136,00	152,00	160,00	176,00	192,00	200,00	240,00
Peito	112,00	127,00	142,00	150,00	165,00	180,00	187,00	225,00
Moída de segunda	120,00	127,00	142,00	160,00	165,00	180,00	187,00	225,00
Músculo de segunda	112,00	127,00	142,00	150,00	165,00	180,00	187,00	225,00
Capa e aba de filé	112,00	127,00	142,00	150,00	165,00	180,00	187,00	225,00
Costela	86,00	97,00	109,00	115,00	126,00	138,00	136,00	170,00
Preço médio	137,58	156,25	183,00	191,75	206,17	221,25	227,33	250,83

FONTE: ASSERJ.

no balcão dos supermercados foi bem menor, da ordem de 18,56%.

No sentido de aliviar a crise setorial gerada pelo aumento da oferta de carne bovina, a atuação governamental concentrou-se em duas frentes. No plano interno, dentro do programa de estocagem de carne bovina para atender o mercado na entressafra, a reserva reguladora, em 1981, representou um volume recorde de 263,5 mil toneladas. A distribuição da carne congelada, cujo canal principal é o supermercado, explica a discrepância do comportamento de preços do boi gordo e da carne bovina a nível do consumidor, no segundo semestre de 1981. Subsiste sem explicação a alta inusitada nos supermercados, ocorrida no primeiro semestre, uma vez que o item boi gordo representa cerca de 70% nos custos dos frigoríficos. No plano externo, foi implementado um programa de intensificação da exportação de carne bovina, visando alcançar o nível de 300 mil toneladas em equivalente-carcaça, o que representaria um montante de divisas da ordem de US$ 570 milhões. O ano escolhido para a retomada do mercado não foi muito propício, devido à queda contínua das cotações internacionais. Assim, prejudicado por razões de ordem interna (indefinição quanto ao ICM da carne, atraso na liberação dos recursos previstos na Resolução 674 do BACEN), e pelas condições prevalecentes no mercado internacional (desvalorização das moedas européias em relação ao dólar, modificações cambiais na Argentina, restrições às compras nos países europeus), o valor das exportações deve ser da ordem de US$ 435 milhões, 24% aquém da meta programada. Até outubro, segundo dados da CACEX, tinham sido exportadas 35,9 mil t de carne *"in natura"* (US$ 99,2 milhões), 77,2 mil t de carne industrializada (US$ 238 milhões) e 1,6 mil t de extrato de carne (US$ 21 milhões), correspondendo a cerca de 210 mil t em equivalente-carcaça.

O menor volume de exportação deverá influenciar o nível do *"carry-over"* da COBAL, uma vez que parte do estoque regulador seria encaminhada ao mercado internacional. Assim, os estoques remanescentes em mãos do governo deverão atingir um nível significativo no começo de 1982. Essa situação deverá acarretar alguns transtornos ao pecuarista da região Centro-Sul que, em função da baixa absorção do mercado interno, começa a pressionar o governo no sentido de reiniciar as compras para aliviar temporariamente a oferta de bois prontos para o abate, que, em 1982, deverá ser de 7% a 10% superior à do ano passado.

Embora não se conheça ainda o volume do *"carry-over"* da COBAL, sabe-se que deverá ser constituído em sua maior parte de carne de primeira, uma vez que, em alguns mercados como o do Rio de Janeiro, já se verifica uma escassez na distribuição da carne congelada de segunda. Desse modo, os supermercados passaram a substituir a carne congelada de segunda por carne fresca, provocando uma alta média de 20,84% na carne fresca de segunda, de acordo com a nova tabela distribuída pela ASSERJ aos supermercados, em 05.01.82 (ver Quadro 3).

A antecipação das compras de carne bovina pela COBAL para estocagem de entressafra poderá constituir-se num alívio temporário do mercado, tendo em vista a baixa absorção do mercado consumidor interno de carnes, cuja estrutura sofreu modificações substanciais com a expansão vertiginosa da produção avícola nos últimos anos. Paralelamente, a manutenção de um esquema exportador agressivo significará um reforço a mais no sentido de *"enxugar"* o excesso de oferta de bois gordos. No entanto, a criação de uma linha especial de crédito para a retenção de matrizes, medida já em cogitação na área governamental, evitaria uma turbulência maior no mercado em 1984, devido à escassez previsível de animais prontos para o abate, caso recrudesça a tendência atual de matança de ventres férteis.